

História da evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS

ELBEN M. LENZ CÉSAR

História da evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2000 by Elben M. Lenz César

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

2ª Edição:
Agosto de 2000

Revisão:
Bernadete Ribeiro Tadim
Délnia M. C. Bastos

Capa:
Expressão Exata
Editora Ultimato

FICHA CATALOGRÁFICA PREPARADA PELA
SEÇÃO DE CATALOGAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO
DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFV

César, Elben M. Lenz, 1930-

C421h
2000 História da evangelização do Brasil; dos jesuítas aos
neopentecostais / Elben M. Lenz César. — Viçosa :
Ultimato, 2000.
192p.

ISBN 85-86539-33-3
Inclui bibliografia

1. Evangelização - Brasil - História. 2. Missões - Brasil -
História. I. Título.

CDD 19.ed. 269.20981

CDD 20.ed. 269.20981

2000

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

365700-000 Viçosa, MG

Telefone: (31) 891-3149 - Fax: (31) 891-1557

E-mail: ultimato@homenet.com.br

*Para
Jônatas, Artur, Pedro, Josué,
Alice, Raquel, André, Clara e Davi
Que vocês sejam discípulos
e servos de Jesus Cristo.*

Agradecimentos

Aos historiadores Abraão de Almeida (assembleiano), Arlindo Müller (luterano), Duncan A. Reily (metodista), Ebenézer Soares Ferreira (batista), Frank Arnold (presbiteriano), Frans Leonard Schalkwijk (reformado), Joyce Every-Clayton (congregacional); ao sociólogo Waldo César (luterano); aos missiólogos Antonia Leonora van der Meer (reformada), Bertil Ekström (batista), Isaac Costa de Souza (cristão evangélico) e Manfred Grellert (batista); ao editor Eude Martins da Silva (assembleiano) e ao major David W. Waste (do Exército de Salvação), por terem lido antecipadamente os capítulos que falam sobre suas denominações e feito preciosas sugestões.

À arquivista Ester Marques Monteiro (da Igreja Evangélica Fluminense), por me ter enviado fotocópia de três livros há muito esgotados.

Ao missiólogo Carlos Ribeiro Caldas Filho (presbiteriano), por ter lido toda a obra e colaborado com pesquisas e sugestões.

Sumário

<i>Apresentação</i>	13
I. CRISTIANIZAÇÃO (SÉCULOS XVI A XVIII)	
1. Bispo abençoa a armada de Pedro Álvares Cabral	19
2. Dom Manuel I engaveta o desafio missionário de Pero Vaz de Caminha	22
3. A Europa pega fogo	25
4. É preciso alcançar os não-alcançados da Ilha de Vera Cruz	28
5. Inácio de Loyola envia os seis primeiros missionários	31
6. Calvinistas celebram na Baía de Guanabara o primeiro culto protestante	37

7. A escravatura aumenta o número de não-alcançados	40
8. O “apóstolo do Brasil” não menciona a ressurreição de Jesus em seu catecismo bilíngüe	44
9. Holandeses transplantam para o Nordeste brasileiro a Igreja Cristã Reformada	49
10. Missionários não conseguem separar a fé cristã das crenças indígenas e africanas	55
 II. EVANGELIZAÇÃO (SÉCULO XIX) 	
11. Protestantes demoram a vir para o Brasil	63
12. A Bíblia chega ao Brasil 40 anos antes dos missionários protestantes.....	68
13. Constituição de 1824 proíbe os protestantes alemães de construir igrejas com torre, sino e cruz.....	72
14. Missionários de língua inglesa espalham-se pelo Brasil.....	78
15. Missionário <i>free-lancer</i> vem para o Brasil	82
16. Americano jovem e solteiro desembarca como missionário no porto do Rio de Janeiro.....	87
17. Metodistas começam em 1835, param em 1841 e recomeçam em 1867.....	90
18. General põe fogo na Junta de Richmond	95
19. Ex-alunos do Seminário Teológico de Virgínia vêm para o Brasil.....	100
20. Ex-padre troca o púlpito pela evangelização pessoal	104

III. PENTECOSTALIZAÇÃO (SÉCULO XX)

21. Operário italiano organiza em São Paulo a mais fechada igreja evangélica brasileira	113
22. Missionários suecos fundam a maior denominação evangélica brasileira	117
23. Tenente-coronel diz que o homem de negócio sonega o fisco e o comerciante sonega a alfândega	123
24. Galã de Holywood traz o Evangelho Quadrangular para o Brasil	129
25. Pedreiro pernambucano funda em São Paulo a mais aberta igreja pentecostal brasileira	134
26. Jovem de 26 anos converte-se em São Paulo e funda a igreja pentecostal mais rígida do Brasil	139
27. Nascida nos Estados Unidos em 1967, a Renovação Carismática Católica chega ao Brasil três anos depois	143
28. Edir Macedo abandona a umbanda e a loteria e funda a Igreja Universal do Reino de Deus	148
29. Pentecostais e históricos precisam tomar cuidado com o joio no meio do trigo	155
30. O Brasil deixa de ser campo missionário para ser agência missionária	160
<i>Apêndice</i>	167
<i>Índice onomástico</i>	179
<i>Bibliografia</i>	187

Nota:

A história do Exército de Salvação encontra-se na 3ª parte por uma questão de cronologia, e não porque se trata de uma denominação pentecostal.

Apresentação

As respostas aos desafios católico
de Pero Vaz de Caminha e
protestante de Henry Martyn

A *História da evangelização do Brasil* não é adaptação de uma dissertação acadêmica. Quer dizer, não é um trabalho científico. Embora tenha o cuidado de ser rigorosamente fiel às muitas fontes consultadas, o livro que o leitor tem em mãos contém uma série de relatos ao mesmo tempo históricos e edificantes. Estamos focalizando mais os instrumentos humanos dos quais Deus se serviu de uma maneira e outra do que as instituições que eles fundaram ou trouxeram para o Brasil ao correr dos 500 anos de história, a partir da ocupação portuguesa.

Nem todos pensavam e agiam do mesmo modo, quase nunca trabalharam lado a lado, não foram unânimes na exegese bíblica, cometeram erros de estratégia missionária, tornaram-se culpados de pecados de intolerância, não levantaram suficientemente suas vozes contra a escravidão indígena e africana e outras injustiças sociais, nem sempre exigiram arrependimento e conversão daqueles aos quais ministravam. Todavia, ninguém pode negar que esses missionários e missionárias, europeus e americanos do norte,

estrangeiros e nacionais, católicos e protestantes, não-pentecostais e pentecostais, instruídos e iletrados, casados ou solteiros, eram realmente vocacionados, amavam a Deus acima de tudo, deram-lhe suas vidas e trouxeram para cá o evangelho de Jesus, promovendo e ampliando o reino de Deus.

Não estamos contando a história das igrejas, mas a história da evangelização do Brasil, desde os jesuítas até os neopentecostais, esforçando-nos para fazê-lo com isenção de ânimo. Não contamos a história das igrejas nem dos desdobramentos delas, como, por exemplo, a história da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Independente, da Igreja Presbiteriana Conservadora, da Igreja Presbiteriana Renovada e da Igreja Presbiteriana Unida. Cada denominação já tem livros de sua história. Não queremos repetir o que já foi escrito. Contamos só o início de cada esforço missionário, mencionando a figura dos pioneiros e o seu trabalho. Não foi possível evitar por completo o ponto de vista evangélico do autor, que está inserido na história. Faz parte da terceira geração de um casal que aceitou o evangelho por meio do primeiro missionário estrangeiro a se fixar no Nordeste brasileiro em 1873.

A *História da evangelização do Brasil* persegue dois notáveis desafios missionários, separados entre si por três séculos. O primeiro desafio é católico: encontra-se na carta de Pero Vaz de Caminha dirigida a Dom Manuel I, o Venturoso, rei de Portugal. O segundo desafio é protestante: encontra-se no precioso diário de Henry Martyn. Os dois desafios são sintomáticos: enquanto Caminha, em 1500, talvez com 50 anos, menciona a necessidade de vir de Portugal algum clérigo para batizar os índios, Martyn, em 1805, com 24 anos, menciona a necessidade de vir, de qualquer lugar, algum missionário para pregar "a doutrina da cruz". Os missionários católicos esforçaram-se para batizar o maior número possível de indígenas, negros e crianças brasileiras, com ou sem catequese suficiente. Anchieta chegou a desenterrar um recém-nascido aleijado sepultado ainda vivo pela mãe índia e o batizou.¹ Os missionários protestantes esforçaram-se para anunciar o sacrifício vicário de Jesus ao maior número possível de brasileiros.

Grosso modo, é possível dividir a história da evangelização do Brasil em três períodos distintos e naturais: nos séculos XVI, XVII e XVIII, os missionários católicos *cristianizaram* o país; no século XIX, os missionários protestantes *evangelizaram* o país; e, no século XX,

os missionários pentecostais *pentecostalizaram* o país (com o auxílio dos carismáticos católicos). No início ocorreu a *pré-evangelização*, no século seguinte, a *evangelização* propriamente dita e no último século, a *pós-evangelização*.

Em todo o mundo, o século XVI foi o grande século missionário católico, o século XIX, o grande século missionário protestante e o século XX, o grande século pentecostal.

O que vai acontecer no século XXI pertence ao futuro, e não à história. Queira Deus que seja algo superior, em número e em profundidade, ao que foi feito até agora.

Elben M. Lenz César

MAIO DE 2000

Nota

¹CAXA, Quirício, RODRIGUES, Pero. *Primeiras biografias de José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 154.

I.
CRISTIANIZAÇÃO
(SÉCULOS XVI A XVIII)

1.

Bispo abençoa a armada de Pedro Álvares Cabral

Religiosidade é o que não faltava aos portugueses na época da "descoberta" do Brasil. O próprio capitão-mor da armada de dez naus e três caravelas, que transportava para a Índia cerca de 1.350 homens, era cavaleiro da Ordem de Cristo. Por coincidência, Pedro Álvares Cabral tinha então a idade de Jesus quando este morreu (33 anos). A Ordem de Cristo era uma ordem militar e religiosa fundada e instituída pelo papa João XXII em Avignon, na França, em março de 1319, a pedido de Dom Dinis, sexto rei de Portugal. Foi essa ordem que financiou, com os tesouros da Ordem dos Templários, extinta em 1311, a expansão marítima portuguesa no final do século XV.

Na véspera da partida da armada de Cabral, dia 8 de março de 1500, domingo, na capela da Ermita de São Jerônimo, à margem do rio Tejo, em Lisboa, houve uma cerimônia religiosa, na qual o bispo Diogo Ortiz benzeu a bandeira da Ordem de Cristo, passando-a em seguida para Dom Manuel I e este para Pedro Álvares Cabral. Estavam presentes a corte, os banqueiros que financiariam grande parte do empreendimento e os capitães da frota.

Como acontecia em todas as viagens marítimas portuguesas, havia capelães a bordo. No caso de Cabral, vieram oito franciscanos e o frei Dom Henrique Soares de Coimbra, um frade para cada 150 tripulantes.

Ao depararem a costa brasileira, chamaram de Monte Pascoal a pequena elevação isolada (536 metros) que avistaram dos navios, situada a 50 quilômetros do mar, no litoral da Bahia. O nome era apropriado, pois dentro de poucos dias se daria a celebração da Páscoa. A terra que estava diante deles denominaram Ilha de Vera Cruz. Nas expedições posteriores, fez-se a mesma coisa. Com o calendário litúrgico nas mãos, iam batizando todos os acidentes geográficos do litoral com os nomes religiosos: cabo de São Roque, cabo de Santo Agostinho, rio São Francisco, baía de Todos os Santos, cabo de São Tomé, ilha de São Sebastião, porto de São Vicente etc.

No quarto dia depois da "descoberta", no domingo 26 de abril, Dom Henrique Soares de Coimbra celebrou a primeira missa em território brasileiro. Cabral participou da cerimônia carregando consigo a bandeira de Cristo. No dia seguinte, João Faras, mais conhecido como Mestre João, médico e astrônomo da armada, desceu à terra pela primeira vez (pois estava doente) e, à noite, batizou de Cruzeiro do Sul a constelação cujas estrelas principais formam o desenho de uma cruz. E no dia 1º de maio, sexta-feira, para comemorar a paixão de Cristo, frei Henrique celebrou a segunda missa, precedida de uma procissão, tendo à frente os estandartes da Ordem de Cristo. Participaram da cerimônia mais de mil portugueses e cerca de 150 nativos.

A religiosidade portuguesa da época incluía uma consciência missionária generalizada e bem arraigada. Antônio Vieira dizia que "os outros cristãos têm obrigação de crer a fé; o português tem obrigação de a crer e, mais, de a propagar"¹. O rei Dom João III, filho de Dom Manuel I, lá pelo ano de 1549, confessou a Tomé de Sousa, primeiro governador do Brasil, que a principal coisa que o moveu a povoar as terras descobertas era "para que a gente delas se convertesse à nossa santa fé católica"². Naturalmente, como aconteceu com outras nações católicas e protestantes, essa consciência missionária tinha relação com a expansão territorial, com o colonialismo e com o aumento do poder político. É como explica Charles Boxer: "A aliança estreita e indissolúvel entre a cruz e a coroa, o trono e o altar, a fé e o império, era uma das principais

preocupações comuns aos monarcas ibéricos, ministros e missionários em geral”³.

Embora tenha algum valor, a religiosidade precisa da companhia de frutos verdadeiros. Basta lembrar Israel em determinadas ocasiões, quando a expressão litúrgica era mais visível do que a obediência aos mandamentos. Os profetas deixaram bem claro que Deus não suporta “iniqüidade associada ao ajuntamento solene” (Is 1.13). O tratamento dispensado ao índio e ao negro, o desejo de enriquecimento rápido e o concubinato, entre outros escândalos, colocam em dúvida a profundidade religiosa dos portugueses que vieram para o Brasil.

Notas

¹ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados; moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 26.

² Id., *ibid.*

³ Id., *ibid.*